

A Ascensão da Extrema-direita na França

The Rise of the Far Right Party in France

Gustavo Granado

Universidade Federal do Rio de Janeiro
gustavo.granado@ans.gov.br

Resumo: Durante mais de 40 anos, a Frente Nacional sempre se notabilizou por grandes polêmicas e ocupou um espaço secundário na política francesa. Contudo, a partir de 2011 inicia-se um trabalho de reformulação interna do partido, que resulta em grandes vitórias eleitorais e também crises internas a serem administradas. O que causou esta mudança de coadjuvante a protagonista político? Este artigo propõe analisar duas razões que podem explicar a extrema-direita como força política real.

Palavras-chave: Frente Nacional; França; Extrema-direita; Eleição; Imagem; Desgaste.

Abstract: It has been more than forty years since the French National Front is recognized for being enticed in mammoth polemics while sitting on a secondary position within French politics. Nonetheless, from 2011 on an internal overhaul has begun in such party, culminating in significant electoral victories besides internal crises to be managed. What has caused this shift from a supporting actor to a leading one? This article aims to analyze two reasons that could explain the far right as a real political force in France.

Keywords: National Front; France; Extreme Right; Election; Image; Political damage

Artigo recebido para publicação em: Maio de 2016

Artigo aprovado para publicação em: Janeiro de 2017

1. Introdução

Nos últimos anos, especialmente após a posse de François Hollande como sétimo presidente francês na quinta república, a extrema-direita francesa passou a ter um crescimento político nunca antes visto em sua história, nem mesmo quando surpreendeu ao chegar ao segundo turno das eleições presidenciais em 2002. Seu capital político nunca foi tão alto quanto atualmente e, definitivamente, é vista neste momento como uma força política concreta e com força suficiente para se manter entre as principais correntes políticas do país.

Do que se pode denotar hoje, quando restam quatro meses para a realização das próximas eleições presidenciais, a França deixou a natureza bipartidária, com a polarização entre o Partido Socialista (PS) e os Republicanos – antiga União por um Movimento Popular (UMP) – e passou a contar com uma natureza tripartidária, somando-se aos dois partidos então dominantes, o partido de extrema-direita, Frente Nacional (FN).

2. A velha Frente Nacional

Fundada em 1972, a Frente Nacional surgiu como o partido político cuja ideologia era lutar contra a imigração, internalização da economia e a valorização constante do nacionalismo francês, promulgando sempre a defesa da identidade nacional francesa. Mesmo após mais de 40 anos de sua fundação, a Frente Nacional segue hoje defendendo estes ideais e luta firmemente pela saída da França não só da zona do euro mas também da União Europeia tanto quanto combate o fechamento das fronteiras aos imigrantes ilegais, sobretudo na questão que ora urge em toda a Europa sobre os refugiados que a cada dia chegam à França e a outras nações. No que tange ao aspecto econômico, a Frente Nacional também não se afasta do nacionalismo, pregando que a identidade francesa deve estar presente na economia nacional, defendendo políticas protecionistas, rechaçando principalmente os produtos manufaturados que advêm da China.

Seu fundador e líder político, Jean-Marie Le Pen, candidata-se, pela primeira vez, às eleições presidenciais em 1974 e obtém cerca de 0,74% dos votos. Não conseguindo impor sua candidatura nas eleições de 1981, volta a se candidatar em 1988, e obtém 14,38% dos votos, resultado surpreendente para um partido que até então nunca havia participado com protagonismo no quadro de forças políticas da França. Nove anos depois se candidata novamente e vê seu capital político se manter praticamente inerte, quando obtém cerca de 15% dos votos. Seu grande momento político, sem dúvida, ocorre nas eleições presidenciais de 2002, quando em um pleito disputado por 16 candidatos, obtém 16,86% dos votos, colocando-se como o segundo candidato mais votado em toda a nação e, portando, apto a disputar o segundo turno da eleição com o candidato da então RPR (Rassemblement pour la République), Jacques Chirac. O fato de um candidato de extrema-direita passar para o

segundo turno das eleições presidenciais era sem precedentes na história da quinta república e gerou um enorme debate sobre as consequências de Le Pen chegar ao poder.

A imagem de Le Pen, muito embora seja fundador de um partido político e eurodeputado por mais de 20 anos, sendo sucessivamente reeleito neste período, nunca foi das melhores e, frequentemente, não apenas a sua imagem política mas a imagem de seu próprio partido eram associadas a questões neonazistas, sempre com temores de que o radicalismo defendido pela Frente Nacional sobre a necessidade de se defender e valorizar a identidade nacional pudesse estabelecer relações com a ideologia nazista da supremacia racial.

Em verdade, o próprio Jean-Marie Le Pen, por vezes, dá margens para que esse tipo de imagem seja construído a seu respeito. Cite-se, à guisa de exemplo, o caso em que Le Pen, em uma entrevista, declarou expressamente que as câmaras de gás eram um mero detalhe da segunda guerra mundial. Tal declaração repercutiu muito no ambiente político e resultou em um processo judicial em que Le Pen é réu e vai responder por sua afirmação. Meses depois, em outra entrevista, quando perguntado se estava arrependido por esta declaração em especial, Le Pen foi categórico ao responder que de jeito algum se mostrava arrependido e que sua afirmação refletia exatamente o seu pensamento.¹ Em outra entrevista, Le Pen afirmou que a ocupação nazista na França não foi particularmente desumana.² Outra declaração que ajuda a aproximar a imagem de Le Pen ao neonazismo se refere à questão do problema inerente à imigração. Indagado sobre como a crescente imigração na França poderia ser contida ou resolvida, Le Pen declarou que a utilização do vírus Ebola poderia resolver o problema da imigração em três meses.³

Essa imagem da FN não é fruto de declarações recentes, mas sim, construída ao longo de décadas, pelas posições assumidas pelo partido na vida política francesa. Neste sentido, Taguieff⁴ afirma que:

Depuis la fin des années 1980, certains intellectuels, dénonçant le facisme ou le néofacisme censé être incarné par le Front National, ont intellectualisé la vision manicheenne consistant à diviser la France en deux, et, corrélativement, à opposer la France démocratique à la France lepéniste: Deux France. Deux systèmes de valeurs et croyances. Entre ces deux France, entre celle néofaciste et celle des antifacistes, un antagonisme d'autant plus vif donc aura renoncé à voir dans le première un mirage ou une illusion solubles dans la seconde. [...] Il faut en conséquence appeler à faire de la resistance au Front National une guerre nationale, populaire, totale et prolongée. Contre le Front National, l'appel à la haine serait donc justifié, urgente, nécessaire, voire respectable.⁵

¹ Disponível em: http://www.lepoint.fr/justice/le-detail-des-chambres-a-gaz-mene-jean-marie-le-pen-en-correctionnelle-24-07-2015-1951272_2386.php. Acesso em: 03/08/2015.

² Disponível em: http://www.huffingtonpost.fr/2013/06/19/jean-marie-le-pen-occupation-allemande-condamnation_n_3465224.html. Acesso em: 03/08/2015.

³ Disponível em: http://www.lemonde.fr/europeennes-2014/article/2014/05/21/pour-jean-marie-le-pen-le-virus-ebola-peut-regler-en-trois-mois-les-problemes-d-immigration_4422584_4350146.html. Acesso em: 03/08/2015.

⁴ TAGUIEFF, P. *Du Diable em politique: réflexions sur l'antilepénisme ordinaire*. 1. ed., CNRS Éditions, 2014.

⁵ Desde o final dos anos 1980, alguns intelectuais, que denunciavam o fascismo ou neofascismo supostamente incorporado pela Frente Nacional, têm a visão intelectualizada e maniqueísta de dividir a França em duas, e, conseqüentemente, opor a França democrática com a França Le Pen: duas Franças.

A chegada da Frente Nacional ao segundo turno das eleições presidenciais em 2002 instaurou um clima de pânico com a possibilidade de a extrema-direita eleger o próximo presidente da República.

Em 2007, Le Pen se candidata uma vez mais às eleições presidenciais; contudo, desta vez obtém a quarta posição no primeiro turno, mas com a sua votação mais expressiva até então, 20,2% dos votos com mais de 3,8 milhões de eleitores. Muito embora em termos percentuais esta tenha sido a eleição com melhor desempenho, em termos eleitorais ficou muito distante do resultado obtido em 2002, quando mesmo com apenas 16% dos votos conseguiu passar ao segundo turno das eleições presidenciais.

Em 2011, após presidir a Frente Nacional por quase 40 anos, Jean-Marie Le Pen abdica da presidência do partido e faz da sua filha, Martine Le Pen, a nova líder política da FN, passando a atuar como presidente de honra, muito embora participasse ativamente das decisões políticas do partido.

3. A ascensão

Como se pode denotar, o desempenho político da Frente Nacional sempre foi coadjuvante. Ainda que Jean-Marie Le Pen tenha sido eleito eurodeputado em 1984 e sucessivamente reeleito até o pleito duas décadas mais tarde e nas eleições municipais de 1995 tenha obtido a sua maior performance, com cerca de 1.250 eleitores em todo o país, nas eleições nacionais e europeias o desempenho nunca chegava à liderança de votos e nem obtinha vitórias eleitorais em cidades com uma população mais expressiva. Como vimos, no âmbito nacional, o grande momento da FN foi nas eleições presidenciais de 2002, quando chegou ao segundo turno, porém, sendo derrotado com uma expressiva votação de mais de 80% dos votos para Jacques Chirac, que restou por ser eleito, naquela ocasião, o novo presidente francês.

Contudo, a partir de 2014 o desempenho político da Frente Nacional começa a mudar sensivelmente e, sufrágio após sufrágio, o partido passa a se impor como força política real dentro da França. Consequência desta nova realidade é que os demais partidos tradicionais (PS e UMP)⁶ passaram a ver na Frente Nacional um adversário político concreto, que devia ser encarado como uma preocupação capaz de consolidar uma realidade: a França passava a ter um tripartidarismo no lugar no tradicional bipartidarismo. Daquele momento em diante, a política doméstica deveria ser compreendida e analisada sob o aspecto inerente a três grandes forças.

Dois sistemas de valores e crenças. Entre estas duas França, a antifascista e a neofascista, um antagonismo particularmente interessado em caracterizar no primeiro uma miragem e no segundo uma solução ilusória. "[...] Devemos chamar a resistência à Frente Nacional uma guerra nacional, popular, total e prolongada. Contra a Frente Nacional, o uso ódio seria justificado, urgente, necessária, mesmo respeitável." (Tradução Livre).

⁶ Sucessor do RPR.

Em março de 2014 foram realizadas as eleições municipais,⁷ o primeiro de uma série de três pleitos que haveria naquele ano. A situação, liderada por François Hollande (PS) desde 2012, estava em baixa, e as sondagens já indicavam que a situação governista teria de amargar uma derrota eleitoral vexatória nas urnas. Outrossim, as sondagens também indicavam que o desempenho da Frente Nacional poderia ser histórico, obtendo o seu melhor resultado neste nível de sufrágio. E assim o foi.

Com efeito, logo no primeiro turno alguns aspectos já se sobressaíram. Algumas cidades elegeram candidatos da Frente Nacional já no primeiro turno; outras confirmaram o partido em segundo turno, perfazendo um total de 1.290 eleitos em todo o país, superando o desempenho obtido nas eleições de 1995. Outro aspecto importante a se destacar reside na questão em que a Frente Nacional se saiu vitoriosa em 14 cidades com população superior a 9 mil habitantes, cujo capital político é significativo.

Segundo dados do Ministério do Interior,⁸ no primeiro turno das eleições a Frente Nacional obteve pouco mais de 1 milhão de votos nas eleições legislativas,⁹ ficando como a terceira força política mais votada no âmbito geral do pleito, muito embora, como já dito, algumas vitórias tenham sido extremamente significativas. A UMP acabou por ter a melhor votação com cerca de 1,5 milhão de votos, e o PS em torno de 1,4 milhão de votos.

Em termos percentuais, o resultado do primeiro turno deixa ainda mais claro como a Frente Nacional iniciava o seu processo de ascensão política e se colocava como uma força real no cenário político nacional. Com efeito, a UMP obteve 6,90% dos votos, contra 6,62% do PS e 4,76% da Frente Nacional. Com esses dados, não era mais possível afirmar que a FN seria apenas uma coadjuvante e isso se confirma, pois no segundo turno, a FN obtém a segunda posição no pleito. Ao obter 6,75% dos votos, fica atrás apenas da UMP com 7,24% e à frente do PS com 5,73%.

Em torno de um mês depois das eleições municipais, a França passou pela realização das eleições para o parlamento europeu. Havia muita expectativa para saber como seriam os resultados eleitorais e a consequência política desta manifestação popular nas urnas. Tal expectativa vinha essencialmente de duas razões. A primeira, pelo recente desempenho da FN nas eleições municipais, que muito recentemente haviam sido realizadas. A FN teria novamente um desempenho à altura de seus dois partidos rivais, PS e UMP? Um pleito local poderia mostrar um quadro político semelhante a um pleito em nível europeu? A segunda razão da crescente expectativa pelo resultado deste pleito vinha justamente das pesquisas de opinião que eram feitas por diversos institutos de pesquisa e, todos, apontavam para a possibilidade real de um resultado sem precedentes que colocaria a FN não só como uma força política concreta mas como a afirmação de uma ascensão e ameaça aos partidos tradicionais.

⁷ O termo "municipais" não deve ser entendido no sentido conhecido no Brasil, já que não se trata de um ente federativo, pois a França é um Estado Unitário e não uma Federação. A melhor compreensão seria pelo termo "municipalidades".

⁸ Disponível em:

[http://www.interieur.gouv.fr/Elections/Les-resultats/Municipales/elecresult__MN2014/\(path\)/MN2014/FE.html](http://www.interieur.gouv.fr/Elections/Les-resultats/Municipales/elecresult__MN2014/(path)/MN2014/FE.html). Acesso em: 03/08/2015.

⁹ O sistema eleitoral adotado é de voto em lista fechada.

Uma vez concluída a apuração dos votos, as pesquisas de intenção de votos foram mais do que confirmadas e a expectativa de um desempenho expressivo da FN nas urnas, agora em nível europeu. O resultado definitivo das eleições europeias na França¹⁰ mostrou a FN como o partido mais votado, com mais de 4,7 milhões de votos, elegendo assim 24 eurodeputados, contra 3,9 milhões de votos da UMP que elegeria 20 eurodeputados. À guisa de comparação com o pleito anterior (2009), naquela eleição a FN obteve cerca de 1,1 milhão de votos e somente conseguiu eleger três eurodeputados. Agora, sua votação mais do que o quádruplo em números de votos e, principalmente em termos de eurodeputados eleitos, a FN teve um desempenho oito vezes superior, passando de três para 24 eurodeputados eleitos.

Com essas duas eleições de características diferentes, uma local e outra europeia, e com ambas apresentando um desempenho da FN muito forte, sendo, inclusive, a grande vitoriosa nas eleições europeias, à frente de qualquer outro partido, não era mais possível descartar a força da FN dentro da política nacional francesa. Com efeito, no início de 2014, quando as primeiras pesquisas mostravam que a FN poderia ter uma performance eleitoral nunca antes vista nas eleições que se aproximavam, a análise era de que este desempenho se daria pelo fato de um eventual descontentamento com o atual governo e que a força política da FN continuaria a ser em segundo plano, já que eventuais bons resultados refletiriam apenas uma forma de *accountability* vertical.

Felizmente, o ano de 2014 foi generoso em eleições. Em setembro daquele ano, cinco meses após o pleito envolvendo as eleições municipais e para o parlamento europeu, foi a vez dos franceses voltarem às urnas para renovar 178 cadeiras do senado nacional.

Interessante observar que, desde a sua criação em 1972, a FN nunca havia conseguido eleger um senador em toda a sua história. Com efeito, neste período foram realizadas 13 eleições para o senado nacional (1974, 1977, 1980, 1983, 1986, 1989, 1992, 1995, 1998, 2001, 2004, 2008 e 2011) e, em absolutamente nenhum desses pleitos, a FN jamais elegera um senador. Era uma espécie de tabu político que o partido precisava quebrar, e as eleições de 2014 pareciam ser o momento certo, já que o partido participara de duas eleições com desempenhos sem precedentes; então as eleições para o senado deveriam seguir o mesmo rumo.

Mais uma vez, as pesquisas de opinião, que eram realizadas antes da eleição, já mostravam que a possibilidade de o senado contar com senadores advindos da FN era muito concreta, embora, sob o ponto de vista da correlação de forças políticas, a FN não demonstrava ter a mesma força das duas eleições anteriores. Após concluída a apuração dos votos e com os resultados oficiais definitivos, a Frente Nacional, pela primeira vez em sua história e na décima quarta eleição senatorial disputada, finalmente consegue eleger dois senadores.

¹⁰ Disponível em:
[http://www.interieur.gouv.fr/Elections/Les-resultats/Europeennes/elecresult__ER2014/\(path\)/ER2014/FE.html](http://www.interieur.gouv.fr/Elections/Les-resultats/Europeennes/elecresult__ER2014/(path)/ER2014/FE.html). Acesso em: 06/08/2015.

4. Razões da ascensão

Durante mais de 40 anos, desde a sua fundação até o ano de 2014, a FN sempre se portou como um partido coadjuvante no cenário político francês, e em 2014 deixa o segundo plano de lado para assumir um papel de protagonismo na vida política francesa.

Como se pode observar, o ano de 2014 e suas três eleições demonstraram que a FN se consolidou de vez como força política capaz de estar entre as principais opções de voto do eleitor, seja no nível local, seja no nível europeu e, desta forma, firma-se como força concreta para a disputa das próximas eleições presidenciais que ocorrerão em março/abril de 2017, ou seja, em cerca de um ano e meio.

Como explicar essa mudança de status político em tão curto período de tempo? De fato, a FN conseguiu em quatro anos o que não havia conseguido em 40 anos. Quais razões para esta ascensão da extrema-direita na vida política francesa?

Este artigo propõe analisar duas possíveis razões para este novel cenário. A primeira razão, sob a perspectiva da busca pela mudança na imagem do partido, afastando-se da imagem até então constituída para construir uma nova imagem perante os eleitores. A segunda, sob a perspectiva do custo político suportado por seus principais adversários políticos.

4.1 Mudança de imagem: a nova FN

Durante 40 anos, a Frente Nacional foi um partido presidido e liderado por Jean-Marie Le Pen, cujas imagens se confundiam. Era impossível pensar a Frente Nacional e não pensar em Le Pen e vice-versa. E a imagem que Le Pen cultivou para si e, conseqüentemente, para o partido, era de um pensamento xenófobo, neonazista e neofascista, que pouca penetração tinha no cenário político nacional.

Ao assumir a presidência do partido em 2011, Marine Le Pen percebeu que, se a Frente Nacional quisesse ser efetivamente um partido político capaz de captar eleitor e disputar eleições em condições de igualdade com os demais partidos tradicionais, era preciso promover uma mudança radical na imagem do partido. Era inadmissível continuar a Frente Nacional que frequentemente fosse vinculada a pensamentos inerentes a ideologias responsáveis por grandes tragédias da humanidade; havia uma premente necessidade de apresentar ao eleitor um partido que estivesse não só distante e oposto a estas ideologias como, principalmente conectado às angústias e apreensões do cidadão francês comum em seu dia a dia – questões inerentes à jornada de trabalho, combate ao desemprego, enfim, aproximar o partido do eleitor.

A simples troca na presidência do partido já deu o início neste processo. Sai Jean-Marie Le Pen, 83 anos de idade, com um passado de polêmicas e uma imagem completamente ligada a questões que só contribuía para afastar o partido do eleitorado nacional, e entra Marine Le Pen que, apesar de filha de Jean-Marie, conta, ao assumir o partido, 43 anos, é capaz de se

aproximar do eleitorado jovem e dá início a uma intensa campanha de desvinculação da imagem do partido de questões voltadas ao fascismo e ao nazismo. Por diversas vezes reconhece a existência do holocausto e seus danos para a história da humanidade e afirma reiteradamente a oposição do partido a qualquer ato que possa, minimamente, ser vinculado a tais questões.

Destaco, aqui, dois episódios que demonstram de forma clara o esforço que Marine Le Pen passa a fazer para desvincular a imagem do partido do nazismo, sendo um deles, inclusive, a deflagração de uma disputa interna contra o próprio pai que, depois de deixar a presidência do partido em 2011, passou a exercer a função de presidente de honra do partido, ainda com muita influência, o que terminaria em uma crise interna grave, que veremos mais adiante.

Inicialmente, pode-se destacar o *affaire singe* (caso macaco) ocorrido nas vésperas das eleições municipais de 2014. Como visto anteriormente, nestas eleições as pesquisas de opinião já indicavam a possibilidade concreta de uma votação recorde para a Frente Nacional e seria, então, o primeiro passo para uma arrancada nas eleições posteriores para levar o partido ao primeiro plano do cenário político nacional. Desta forma, tudo o que o partido não precisava era nenhum caso que pudesse remeter a Frente Nacional a sua velha imagem, qualquer fato que pudesse estabelecer uma ligação, ainda que mínima, da Frente Nacional com a ideologia nacional socialista ou racista.

Entretanto, foi exatamente o que aconteceu. Com efeito, meses antes da realização do pleito, em pleno auge da campanha eleitoral, a candidata líder da lista da Frente Nacional (as eleições são disputadas pelo sistema de lista fechada) para as eleições em Rethel (Ardennes), Anne-Sophie Leclère, postou em sua página de uma rede social uma fotomontagem na qual, do lado esquerdo, aparecia a foto de um macaco com a legenda "aos 18 meses" e, do lado direito, a foto da atual ministra da Justiça, Cristine Taubira, com a legenda "agora", numa clara alusão racista de que a ministra da Justiça era um símio simplesmente por ter a cor da pele negra.

Assim que o caso ganhou as páginas da imprensa e virou alvo da mídia social, com o debate sobre a questão envolvendo a nação como um todo, já que envolvia uma ministra de Estado no exercício de sua função, Marine Le Pen não perdeu tempo e foi à imprensa e, em uma entrevista,¹¹ declarou expressamente a sua posição favorável pela expulsão de Anne-Sophie Leclère dos quadros da Frente Nacional, ressaltando que este tipo de comportamento era incompatível com o partido e jamais tal ato poderia ser admissível. Inicialmente suspensa do partido, o caso foi para análise do Comitê de Disciplina da Frente Nacional que tomou a decisão de expulsar Anne-Sophie Leclère do partido, conforme já havia se manifestado, neste sentido, a própria presidente da Frente Nacional.

A rápida reação do partido e a drástica decisão tinha o intuito de mostrar ao eleitor e a toda a nação francesa que a Frente Nacional não compactua com qualquer manifestação que

¹¹ Disponível em: <http://www.metronews.fr/info/fn-l-ex-candidate-anne-sophie-leclere-exclue-du-parti/mmlc!o3zWk3a5lxwIo/>. Acesso em: 06/08/2015.

possa conter conotação racista e a condena de forma veemente. Esse caso ilustra bem a intenção da nova presidente do partido em não medir esforços para mudar a imagem da Frente Nacional, sendo qualquer sacrifício válido, mesmo a expulsão de seus membros, para demonstrar com firmeza e não deixar margens de dúvidas quanto à posição do partido com relação a este assunto.

Caso Marine Le Pen demorasse a vir a público para externar sua posição pessoal com relação ao assunto, poderia passar ao eleitorado uma imagem de que não só ela pessoalmente mas também o partido como instituição no mínimo estariam em dúvida em expressar sua contrariedade ao ocorrido, com o risco mesmo de passar uma mensagem ao eleitor de que a Frente Nacional compactua com este tipo de pensamento. Para evitar que tal situação ocorresse, Marine Le Pen foi imediatamente a público e apresentou sua posição abertamente contrária, defendendo uma punição drástica para o caso, não deixando qualquer margem de especulação sob a posição partidária a este respeito; com isso, Marine apresentou ao eleitor uma Frente Nacional que não tolera discriminações raciais, tanto quanto qualquer outro partido político.

Ressalte-se que, mesmo após tomar a decisão administrativa de expulsar Anne-Sophie Leclère de seus quadros associativos, a Frente Nacional, juntamente com Leclère, foi ré em processo judicial no qual, em primeira instância, a ex-candidata foi condenada a nove meses de prisão e cinco anos de inelegibilidade, ao passo que o partido foi condenado ao pagamento de multa de 30 mil euros.¹²

Contudo, expulsar um membro do partido por manifestação racista sendo este membro uma jovem candidata em eleições locais em uma cidade pequena, muito embora o caso tenha repercutido em nível nacional, é uma situação delicada, porém muito mais delicada quando esta mesma situação ocorre com um membro de grande e extrema influência dentro do partido.

É o que ocorreu no segundo caso em que se podem ilustrar os esforços de mudança de imagem da Frente Nacional promovidos por Marine Le Pen: *affaire fournée* (caso fornada).

Após o enorme sucesso eleitoral obtido nas urnas nas eleições municipais e europeias, o grande desempenho político da Frente Nacional gerou uma série de reações nos mais variados segmentos da sociedade francesa, e alguns artistas, indignados com a ascensão da extrema-direita, anunciaram que não mais se apresentariam em shows e peças nas cidades que haviam elegido representantes da Frente Nacional. Dentre esses artistas estava Patrick Bruel, ator e cantor nacionalmente renomado e de ascendência judia.

Ao tomar conhecimento dessa pretensão de alguns artistas franceses, em uma entrevista, o já presidente de honra da Frente Nacional, Jean-Marie Le Pen, declarou que deveria ser feita uma "fornada" com esses artistas.¹³ Por um instante, a sensação era de que a velha Frente Nacional havia voltado, aquele partido que era frequentemente ligado ao

¹² Em julgamento de segunda instância, a condenação de Anne-Sophie Leclère foi anulada por vícios formais de procedimento.

¹³ Disponível em: <http://www.europe1.fr/politique/polemique-sur-la-fournee-l-intervieweuse-de-le-pen-ne-regrette-rien-2155105>. Acesso em: 10/08/2014.

neonazismo havia mais uma vez surgido diante de toda a nação e, novamente, pelas palavras de seu fundador.

Mais uma vez Marine não tardou nem um pouco a vir a público para se posicionar sobre o caso e ressaltou que tal declaração teria sido um erro político e não poderia ser considerada como o real pensamento do partido, tentando manter sempre a imagem da nova Frente Nacional bem longe da ideologia neonazista. Contudo, dez dias depois desta declaração e da posição pública de sua filha e atual presidente da Frente Nacional, Jean-Marie Le Pen voltou a público para afirmar que não tinha qualquer arrependimento de sua declaração e a reafirmou como sendo efetivamente a sua opinião pessoal.

Esse episódio desencadeou uma crise sem precedentes na relação entre Jean-Marie Le Pen e Marine; não apenas como pai e filha mas sim como o presidente de honra do partido e a atual presidente da Frente Nacional. Com todo o esforço que vinha fazendo para mudar a imagem do partido junto ao eleitor, Marine sabia que não poderia simplesmente se omitir ou deixar passar em branco tal situação; era preciso tomar uma forte atitude, contudo expulsar um jovem membro do partido sem maiores expressões internas é bem diferente de entrar em conflito com o fundador da Frente Nacional.

Quando Marine foi a público e repreendeu o presidente de honra e se posicionou não apenas pessoalmente contra mas colocou a própria instituição partidária em posição contrária às declarações de seu fundador, gerou a ira de Le Pen que reafirmou suas declarações na primeira oportunidade que teve. Alguma providência deveria ser tomada para preservar o processo de mudança de imagem do partido e manter o capital político obtido nas últimas eleições e assim demonstrar para os demais potenciais eleitores que não poderia haver dúvidas de que existia uma "nova" Frente Nacional.

A primeira decisão tomada pelo partido foi a de excluir de seu site oficial o blog de Jean-Marie Le Pen. Com efeito, o presidente de honra da Frente Nacional possuía um blog hospedado no site institucional do partido, no qual rotineiramente expressava suas opiniões. Com a exclusão do blog do site oficial do partido, Marine mandava uma mensagem aos seus eleitores, distanciando Jean-Marie Le Pen da Frente Nacional, demonstrando assim que as opiniões dele não se coadunavam com as opiniões do partido e, nesse caso em especial, o partido sequer admitiria que tais declarações pudessem ser veiculadas por meio de uma feramente institucional.

A resposta de Jean-Marie Le Pen foi rápida. Na mesma semana em que teve seu blog excluído, Le Pen anunciou a criação de um site com domínio próprio (jeanmarielepen.com) no qual todos os seus leitores ou quem quisesse ter acesso aos textos e manifestações pudessem ter acesso. E já utilizando o próprio domínio, Le Pen foi ao ataque direto de sua filha e da direção do partido e disparou contra a exclusão de seu blog, fazendo alusão inclusive às célebres palavras de Louis XIV – "l'état c'est moi" – ao dizer que havia fundado a Frente Nacional e, portanto "je suis le Front National".¹⁴

¹⁴ Luís XIV disse: "o Estado sou eu", e Jean-Marie Le Pen afirmou: "a Frente Nacional sou eu".

A crise, a partir de então, foi só se agravando, e a cada declaração ou manifestação de Jean-Marie Le Pen que trouxesse à tona a “velha” Frente Nacional, havia uma resposta de Marine Le Pen que não deixava dúvida sobre a “nova” Frente Nacional.

Era, então, preciso tomar a decisão final que distanciasse, de forma definitiva, Jean-Marie Le Pen da Frente Nacional. A questão foi entregue ao Comitê de Disciplina do Partido que decidiu, com o apoio de Marine Le Pen, pela expulsão do então presidente de honra dos quadros do partido.¹⁵

Apesar do sucesso eleitoral e dos problemas internos resolvidos exemplarmente, a oposição, leia-se, os demais partidos políticos tradicionais como o PS e os Republicanos - REP¹⁶ questionavam esse processo de reformulação da Frente Nacional. Em matéria publicada pelo veículo de imprensa *Le Nouvel Observateur*,¹⁷ esta mudança de imagem promovida pela Frente Nacional não passava de um estratagema político para angariar votos sem que nenhuma mudança de fato efetiva houvesse ocorrido no partido, já que este demonstrava uma mudança de imagem, mas suas ideias permaneceriam sempre as mesmas.

Expulsar o próprio pai e fundador do partido era o sacrifício final para manter a estratégia política bem-sucedida nas urnas de mudar a imagem da Frente Nacional. Tal decisão não deixa nenhuma margem de dúvida com relação à consolidação da Nova Frente Nacional. Neste processo, a própria classificação de “extrema”-direita passou a ser rejeitada pelo partido, que passou a se apresentar como uma força política de centro-direita, em mais um esforço de se dissociar da “velha” Frente Nacional.

O cientista político norte-americano Dick Morris,¹⁸ ao analisar várias estratégias políticas para obter sucesso eleitoral, destaca, entre elas, a estratégia de reformar o seu próprio partido:

Se o partido não consegue parar de perder, o único jeito de voltar a ganhar é fazer algumas mudanças. Pode ser difícil convencer os dirigentes a largar o controle e alterar seus procedimentos, mas há melhor meio de alcançar isso do que perder eleição após eleição. [...] Um longo período no ostracismo tem esse efeito num partido político e nos grupos de interesse que lhe servem de base. Mas o que é verdadeiramente extraordinário no processo de reforma partidária é como se dá poderes ao reformador e praticamente garante sua eleição. Matar dragões do seu próprio partido pode ser um espetáculo tão fascinante que os eleitores independentes que assistindo ao fratricídio acabam correndo aos montes para o lado reformador.

Como se pode denotar nessa passagem, Marine Le Pen praticamente seguiu “à risca” os procedimentos para reformulação da Frente Nacional. Promoveu mudanças internas e matou o maior dragão de seu próprio partido, seu pai, fundador da FN e presidente de honra: Jean-Marie Le Pen.

¹⁵ Disponível em: <http://www.lefigaro.fr/politique/2015/08/20/01002-20150820ARTFIG00305-jean-marie-le-pen-exclu-du-front-national.php>. Acesso em: 14/08/2015.

¹⁶ Sucessor da UMP.

¹⁷ Disponível em: <http://leplus.nouvelobs.com/contribution/948980-le-fn-pas-d-extreme-droite-marine-le-pen-change-son-image-pas-ses-idees.html>. Acesso em: 13/08/2015.

¹⁸ MORRIS, D. *Jogos de Poder*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2004.

Marine Le Pen passa então a mostrar que a Frente Nacional é um partido político cuja preocupação maior está voltada para o bem-estar do cidadão francês, adentra ao debate que é inerente ao dia a dia da população como jornada de trabalho semanal, trabalho aos domingos, grade escolar, etc.

Sem dúvida, a ascensão da Frente Nacional no quadro de forças políticas da França está intimamente ligada ao profundo processo de reformulação partidária promovido por sua nova presidente a partir de 2011, principalmente no que concerne à mudança radical na imagem do partido, rejeitando qualquer associação com a imagem que o partido teve durante os seus 40 anos de existência, afastando-se do rótulo de "extrema"-direita e se aproximando das preocupações do cidadão francês.

Entretanto, só o processo de reformulação partidária e mudança de imagem não explica de forma definitiva a ascensão política da Frente Nacional. É preciso analisar outro fator que contribuiu de forma significativa para a consolidação da política da nova Frente Nacional: o desgaste político de seus principais adversários.

4.2 O custo político do PSF e REP

Em 2007, Nicolas Sarkozy chega ao Eliseu após vencer o segundo turno das eleições presidenciais, derrotando a candidata do PS, Ségolène Royal. Depois de ficar 14 anos no poder em dois mandatos de François Mitterrand, o PS já não ocupava mais o palácio do Eliseu havia 12 anos e teria de esperar no mínimo mais cinco para tentar retornar ao poder.¹⁹

A eleição de Sarkozy e o início de seu mandato foram cercados de muita expectativa, sobretudo na área de relações internacionais. Sarkozy fazia questão de cultivar uma imagem de líder político europeu, discutia questões da União Europeia, propunha soluções e levou a França a um patamar político no cenário europeu que até então o país não tivera.

No campo doméstico, Sarkozy tinha também muita expectativa sobre seu mandato; havia esperança de crescimento econômico e prosperidade e uma nova França para o século XXI. Contudo, apenas um ano após a sua eleição, a sua situação de suporte político já havia mudado muito. Neste meio-tempo, estourou a crise econômica de 2008 que afetou a economia global, e a França não foi uma exceção. O crescimento que se esperava nem de longe chegou, o poder aquisitivo do cidadão era seriamente corroído e a situação, nos anos seguintes, não vislumbrava momentos melhores. Mesmo assim, Sarkozy seguia com seu mandato tentando fazer uma série de reformas estruturais, como na questão das aposentadorias, da grade universitária e até mesmo uma reforma que envolveria mudanças no planejamento urbano da capital, Paris. Politicamente, sempre que se tenta promover reformas que envolvem possíveis mudanças na jornada de trabalho e na aposentaria, o custo político é muito alto porque mexe

¹⁹ Inicialmente, o mandato presidencial na França era de sete anos com uma reeleição, o que permitiu a Mitterrand exercer o poder por 14 anos. Durante o primeiro mandato de Jacques Chirac houve uma alteração constitucional que alterou o mandato presidencial de sete para cinco anos, fazendo então que Chirac fosse eleito por sete anos e reeleito por cinco, ficando 12 anos no poder.

com direitos que os trabalhadores não estão dispostos a ceder, mesmo se existir uma necessidade que trará resultados benéficos a longo prazo.

No que tange à reforma da aposentaria, Sarkozy, tendo como argumentos a crescente expectativa de vida da população moderna e a necessidade de manter ativa no mercado de trabalho a população por mais tempo, propôs que a idade mínima para requerer aposentadoria passava dos então 60 anos para 62 anos, obrigando os cidadãos franceses a trabalharem mais dois anos para adquirirem o benefício. Claro que o custo político para implementar essa reforma é altíssimo, porque interfere diretamente em direitos trabalhistas e dá munição para a oposição atacar duramente a situação e debilitar de forma significativa o seu capital político. O mesmo raciocínio se aplica à tentativa imposta por Sarkozy de ampliar a jornada semanal de trabalho, que gerou enorme repercussão na sociedade e, principalmente, nos partidos de oposição.

Soma-se a essas propostas o desgaste causado pela crise econômica, o que se pode verificar nas pesquisas de opinião realizadas à época, que mostram que o mandato de Sarkozy à frente do Eliseu foi marcado por uma sequente queda de aprovação de governo. Em estudo desenvolvido pelo Institute Français d'Opinion Publique – IFOP,²⁰ Sarkozy iniciou seu mandato em maio de 2007 com 65% de aprovação pública, atingindo seu auge de aprovação logo três meses depois, em agosto de 2007, quando alcançou 69% de aprovação. A partir desse momento até o fim de seu mandato, sua aprovação pública foi despencando até atingir seu pior nível de aprovação pública em abril de 2011, justo quando iniciava seu último ano de mandato, quando atingiu apenas 28% de aprovação pública; concluiu seu mandato em abril de 2012 com 36% de aprovação.

Para um presidente que foi eleito cercado de muita expectativa e esperança de um crescimento econômico e tempos de bonança, o mandato de Sarkozy ficou muito aquém do que dele se esperava. A questão que se propõe refletir, aqui, é que esse desgaste político demonstrado pela queda vertiginosa da aprovação pública ocorrida ao longo do mandato de Sarkozy não é fruto da decepção do eleitorado unicamente com seu então presidente. Como visto, a direita francesa já ocupava o poder na França havia 17 anos consecutivos (12 anos com Chirac mais cinco com Sarkozy), portanto o desgaste junto ao eleitor não era somente com relação à figura de seu presidente, mas com o partido que, havia tantos anos, estava no poder e não conseguia fazer cumprir os anseios da população. Isso era evidenciado pela fracassada tentativa de Sarkozy de se reeleger nas eleições de 2012. Naquela eleição, Marine Le Pen, que já vinha, havia um ano, fazendo um trabalho político de renovação da sua imagem e da imagem de seu partido, ficou na terceira posição, porém com quase 6,5 milhões de votos, cerca de 18% do total, maior votação já recebida pela Frente Nacional até então, mas ainda insuficiente para ir além, pois quem realmente soube se beneficiar do desgaste político de Sarkozy e seu partido (UMP) foi Hollande e o PS, que venceram as eleições, em um segundo turno apertado, é verdade, mas lograram êxito em trazer o PS de volta ao Eliseu, 17 anos

²⁰ Estudo concluído em abril de 2012. Disponível em: www.ifop.fr. Acesso em: 20/08/2015.

depois. Todavia, apesar de Hollande se encontrar ainda na vigência de seu mandato, a maior parte deste já se passou e o PS tem cerca de um ano e meio até a disputa das próximas eleições, e sua situação política atual não difere muito da situação em que seu antecessor se encontrava neste mesmo momento político.

A chegada de Hollande ao Palácio do Eliseu se deu aos auspícios de uma ruptura com a maneira de fazer política de Sarkozy e UMP; havia um desejo latente na população que apoiava Hollande de que era necessário promover uma mudança relevante na política francesa para que melhores dias pudessem resplandecer no horizonte. Esse desejo de mudança fica muito evidenciado logo após o anúncio do resultado oficial do pleito, que confirma Hollande como sétimo presidente da quinta república. Grupos de apoio a Hollande foram às ruas com o grito de "Sarkozy, c'est fini!"²¹

Contudo, o desgaste político que Hollande vem enfrentando é severamente pior que o de seu antecessor. Com efeito, Hollande chegou ao Eliseu com 63% de aprovação pública e nunca mais sequer chegou perto deste índice, apresentando uma contínua queda livre de sua aprovação junto à população. Em junho de 2014, Hollande chega ao recorde negativo da quinta República, com apenas 18% de aprovação pública e se mantém todo o segundo semestre na casa de 19% de aprovação.

Algumas razões podem ser analisadas para compreender o desgaste político suportado por Hollande ao longo do curso de seu mandato. Vejamos algumas delas.

É sabido que a teoria do marketing em campanha política sustenta que o candidato durante a campanha, ao realizar promessas, deve fazê-la de forma a evitar que seja fixado prazo ou quantidade predeterminada. Entretanto, ao longo da campanha das eleições presidenciais de 2012, uma das questões mais debatidas durante a eleição foi o nível de desemprego na França que, naquela época, já mostrava sinais de crescimento alarmante e precisava ser contido o quanto antes. Claro que os candidatos, Sarkozy e Hollande, foram questionados sobre isso durante toda a campanha, e Hollande prometeu que, se eleito, a curva do índice de desemprego que apresentava uma ascendente crescente iria reverter seu curso e começar a diminuir até o final de dezembro de 2013, ou seja, no primeiro ano e meio de mandato.

Hollande foi eleito e logo, em tese, teria de cumprir com sua promessa de campanha, do modo como ela foi feita, ou seja, dentro do prazo que ele mesmo prefixou. Contudo, os números divulgados pela *Trading Economics*²² mostram que a taxa de desemprego na França, no início do mandato de Hollande, era de cerca de 9,8% e, ao longo do primeiro ano de mandato, chega a 10,3%, com uma leve oscilação negativa em 2014 e volta a subir em 2015. Em termos comparativos, no mesmo período, a Alemanha apresenta taxa de desemprego de 4,7%, o Reino Unido, 5,5% e a Suíça, 3,2%. No mês de abril de 2015,²³ o índice de desemprego atingiu o nível recorde na história da França, principalmente no que se refere ao

²¹ "Sarkozy, acabou!" (tradução livre).

²² Disponível em: <http://pt.tradingeconomics.com/france/unemployment-rate>. Acesso em: 25/08/2015.

²³ Disponível em: <http://www.valor.com.br/internacional/4076546/numero-de-desempregados-na-franca-atinge-nivel-recorde-em-abril>. Acesso em: 25/08/2015.

nível de desemprego da Categoria A, ou seja, aqueles que não dispõem de nenhum tipo de emprego, sendo também crescente o desemprego na Categoria B, aqueles que trabalham aquém do que deveriam em condições normais.

Gráfico 1



Como se pode notar, Hollande ficou muito distante de cumprir sua promessa de campanha e a situação do desemprego apresenta piores mês a mês.

Outro fator para o alto desgaste político de Hollande é o baixo crescimento econômico durante o seu mandato. Mesmo tendo enfrentado a crise econômica global de 2008, Sarkozy havia conseguido, em 2010 e 2011, fazer com que a economia francesa crescesse 1,5% e 1,7% respectivamente, o que era uma notícia razoável para quem tentava sair de uma crise internacional. Contudo, ao assumir a presidência, em 2012, o crescimento econômico da França ficou estagnado, 0%, e, nos dois anos seguintes, cresceu apenas 0,3% em 2013²⁴ e 0,4% em 2014.²⁵

A situação política do momento aponta, então, para um alto desgaste político dos dois principais partidos da França, tanto o Partido Socialista quanto os Republicanos não conseguem captar capital político e se distanciam de seus eleitores, e este distanciamento dos partidos tradicionais colabora para que a nova Frente Nacional surja como opção política real, não apenas em se tratando de eleições locais ou para o legislativo europeu, mas para as próximas eleições presidenciais em 2017, conforme veremos mais à frente.

²⁴ Disponível em: <http://www.indexmundi.com/g/g.aspx?c=fr&v=66&l=pt>. Acesso em: 28/08/2015.

²⁵ Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/02/pib-da-franca-cresce-04-em-2014.html>. Acesso em: 28/08/2015.

5. A ideologia nacionalista

Como foi demonstrado, o processo de reformulação do partido perpetrado por Marine Le Pen se mostrou extremamente eficiente nas urnas até aqui e, aliado ao custo político dos demais adversários, tornou a Frente Nacional uma força real para as próximas eleições presidenciais em 2017.

Mas em que consiste exatamente essa "nova" Frente Nacional? O que ela defende? Quais suas propostas? Distancia-se muito dos partidos tradicionais PS e REP? Consiste razão aos críticos da "nova" Frente Nacional no sentido de que o partido apenas mudou sua imagem, mas seus ideais permanecem os mesmos?

A "nova" Frente Nacional fez um trabalho de mudança de imagem com intenção de se afastar da "velha" Frente Nacional e suas frequentes ligações com pensamentos voltados para a ideologia neonazista ou neofascista, não medindo esforços para expulsar do partido quem quer que se expressasse neste sentido, mesmo o seu próprio fundador. Também se afasta da "velha" Frente Nacional, ao rejeitar o rótulo de partido de "extrema"-direita, por décadas cultivado pela direção partidária anterior e apresentar uma concepção política de centro-direita.

Mas qual o projeto da "nova" Frente Nacional para questões inerentes ao cidadão francês? Sobre temas relacionados à imigração, educação, economia, como se posiciona a "nova" Frente Nacional?

No que se refere à questão da imigração, a "nova" Frente Nacional claramente defende uma abordagem sob o viés econômico.²⁶ Na concepção do partido, o problema da imigração na França advém das grandes potências econômicas (muito embora não aponte especificamente a quais potências econômicas se refere) para forçar uma baixa dos salários no mercado interno francês, defendendo inclusive que a imigração não deve ser compreendida como um projeto humanista, mas sim como um instrumento de poder do grande capital. Sustenta, ainda, que a imigração na França gera um custo anual de 70 milhões de euros e uma vez que esta não seja controlada necessariamente gera tensões, conflitos interétnicos, provocações político-religiosas que prejudicam a identidade nacional, sendo o comunitarismo um veneno contra a coesão nacional.

Para resolver o problema da imigração, as propostas da Frente Nacional consistem na drástica redução da imigração legal, num prazo de cinco anos, passando de 200 mil entradas legais para 10 mil; na redução das concessões de asilo que custam 376 milhões de euros; na suspensão do acordo de Schengen para retomar o controle de suas fronteiras; na suspensão do direito do solo e reforma profunda das normas para aquisição da nacionalidade francesa.

No que tange à economia nacional, a Frente Nacional tece diversas críticas ao desemprego crescente na França, inclusive com a conclusão de que o desemprego se tornou

²⁶ Disponível em: <http://www.frontnational.com/le-projet-de-marine-le-pen/autorite-de-letat/immigration/>. Acesso em: 01/09/2015.

endêmico e com isso estabelece um freio no poder de compra do cidadão francês e consolida uma barreira ao desenvolvimento social e econômico. Com efeito, o desemprego tem como consequência a influência nos cidadãos das classes mais populares, que passam a nutrir um sentimento de exclusão social, e das classes médias, que se sentem inferiorizadas com essa situação. De acordo com o pensamento da Frente Nacional, é certo que a política de combate ao desemprego promovida até pelos dirigentes políticos do país é completamente inútil, não surte qualquer efeito para solucionar o problema. Sustenta que há um abandono da indústria francesa com um euro forte e a concorrência global, com produtos manufaturados a baixo custo que invadem a economia nacional, sem que nada seja feito para proteger e desenvolver a indústria nacional.

Para tratar dessa questão, as propostas apresentadas pela Frente Nacional tratam da geração de emprego como prioridade absoluta e, para tanto, propõem dois eixos de trabalho. O primeiro eixo passa pela reindustrialização nacional e o segundo, pelo incentivo e apoio às pequenas e médias empresas. Para pôr em prática a reindustrialização nacional, a Frente Nacional sustenta inclusive que a França deve romper com as barreiras impostas pela União Europeia, até mesmo com a defesa da saída da zona do euro e o restabelecimento da moeda nacional, o que permitiria adotar tributos com natureza extrafiscal para impedir que produtos advindos de outros países adentrassem ao mercado francês em concorrência tida como desleal. Para o incentivo e apoio às pequenas e médias empresas, a Frente Nacional propõe, inicialmente, a uniformização da legislação, centralização de dados e incentivos fiscais.

Sobre educação, a Frente Nacional critica, de forma veemente, a supressão de postos de trabalho de professores escolares ocorrida durante o mandato de Sarkozy, expressa preocupação com os índices de insegurança nas escolas e faz uma análise segundo a qual o nível dos alunos franceses decresce a cada ano. Defende, ainda, a inserção do ensino da cidadania nas escolas fundamentais.

Para enfrentar o problema da insegurança escolar, propõe a Frente Nacional que as escolas passem a dispor de entradas equipadas com aparelhos para detectar metal e torna as penas mais pesadas para prática de violência dentro do ambiente escolar. No que se refere aos métodos de ensino, defende o fim do método pedagógico e o retorno do método silábico, com o ensino de História feito em ordem cronológica e sendo obrigatório o ensino da geografia francesa. Profunda reforma nas escolas primárias para estabelecer modelos públicos semelhantes aos aplicados às escolas secundárias.

6. O Comportamento político da Frente Nacional segundo a Teoria Democrática de Anthony Downs

De acordo com Anthony Downs, os votos dos eleitores podem ser analisados sob a perspectiva da teoria da escolha racional. Esta teoria busca compreender o voto do eleitor a partir da teoria econômica, que envolve aspectos inerentes aos agentes racionais, que, nesse caso, não são apenas os eleitores mas também o governo institucional e os partidos políticos.

Estes últimos têm como objetivo maximizar seu poder de captação de voto e, para isso, necessitam descobrir os objetivos que o eleitor está perseguindo e, assim, analisar quais os meios para obtê-los. Dessa forma, para ampliar o seu apoio político, os governos democráticos buscam uma ação planejada a fim de alcançar os objetivos econômicos e políticos desejados pelo eleitor. Para isso, o partido político deve atuar em um cenário com três requisitos básicos, quais sejam uma estrutura política democrática com partidos de oposição, incerteza política e econômica e eleitores com tomadas de decisão racionais.

Trazendo essa perspectiva de Anthony Downs para a análise da Frente Nacional na política francesa recente, vemos que o partido político conseguiu identificar, no universo de eleitores, que estes demonstravam incerteza com relação às demais forças políticas tradicionais para alcançar seus objetivos econômicos, pois a curva de desemprego permanece ascendente e não há sinais de que vá promover alguma alteração a curto ou médio prazo. Para ampliar a sua base política, a Frente Nacional se comporta de forma a não apenas se colocar diante do eleitor como opção para alterar o que as forças políticas tradicionais não conseguem reverter como faz uso dessa incerteza macroeconômica para capitalizar seu universo eleitoral. Como se espera que os eleitores tomem decisões racionais, entendidas estas como aquelas em que se alcancem os objetivos com o menor esforço possível, a Frente Nacional se vale dessa incerteza para ampliar sua base política.

Ainda de acordo com Anthony Downs, a racionalidade se aplica ao voto de forma que o eleitor vota naquele em que acredita que lhe proporcionará o maior retorno, em detrimento dos demais partidos políticos. A lógica básica do voto se baseia no fato de que os cidadãos (eleitores ou não) são sujeitos do fluxo de ações oriundas das atividades governamentais, entretanto, como os recursos governamentais são escassos, essas atividades governamentais tendem a ser especificadas em uma grande área de atuação, de forma a beneficiar o maior número de cidadãos (eleitores ou não). Esse processo é denominado processo de utilidade, e significa que o eleitor decide o seu voto considerando alguns fatores específicos, como uma análise comparativa com o fluxo de ações governamentais que ele recebe do atual partido político do governo e o fluxo que ele supõe que poderá receber, caso outro partido assumira a gestão das ações governamentais. Isso demonstra muito claramente que o custo político suportado pelas forças políticas tradicionais beneficia enormemente a ascensão da Frente Nacional, que, como nunca esteve à frente do governo, faz com que o eleitor possa, de forma racional, entender que o fluxo de ações dos partidos tradicionais já há décadas no poder está longe de ser suficiente e que a Frente Nacional seja o caminho para que esse fluxo de ações seja o que ele deseja.

Em uma eleição dentro de um sistema bipartidário, o eleitor vota no partido com o qual tem mais simpatia pessoal, de acordo com a sua própria ideologia política, aquele partido com que ele mais se identifica. Entretanto, em uma eleição dentro de um sistema multipartidário, com três ou mais partidos fortes, o eleitor toma decisões racionais de votar no partido com o qual mais se identifica, quando ele realmente tem chances de vencer a eleição, mas também pode dar o seu voto a outro partido, quando o seu partido não se apresenta com

chances reais de vitória, pois o eleitor tende ao voto útil, votando em outro partido para impedir que o partido com que ele menos se identifique saia vitorioso. No caso da Frente Nacional, em um primeiro momento o partido se mostrou coadjuvante dentro de um sistema bipartidário dominado pelas forças políticas tradicionais, contudo conseguiu ascender e se tornar uma força política real, transformando um sistema bipartidário em um sistema multipartidário. Com esse novo contexto, o eleitor se comporta de forma diferente. Isso ficou visível quando da eleição presidencial de 2002 em que a Frente Nacional, pela primeira vez, chega ao segundo turno e deixa um clima de pânico com a possibilidade de a extrema-direita eleger o próximo presidente da República.

Entretanto, com a consolidação da ascensão da Frente Nacional, o partido apresenta consideráveis chances de alcançar o segundo turno novamente nas próximas eleições presidenciais e, então, cabe avaliar se a estratégia do voto útil para impedir a vitória da Frente Nacional se mostraria tão eficaz quanto em 2002. A resposta para essa pergunta, segundo as últimas pesquisas realizadas pelo IFOP, mostra que a estratégia ainda se mantém útil, mas com muito menos força que em 2002. Não há como menosprezar o ganho de capital político da Frente Nacional neste curto espaço de tempo nem mesmo determinar que, em 2022, o cenário será o mesmo.

Por fim, cabe ainda uma análise da Frente Nacional na política francesa sob a ótica do efeito modificador proposto por Anthony Downs. Nesse caso, o eleitor não distingue, em nenhum aspecto, dois partidos concorrentes, pois ambos apresentam propostas e ações similares na prática. Para fugir desse panorama, o eleitor modifica sua tomada de decisão racional, promovendo uma análise entre o partido que atualmente está no poder e o partido que esteve no poder. Dessa análise, ele busca avaliar se houve alguma mudança nos partidos que estiveram no poder e, em caso positivo, se a mudança foi benéfica ou não. Em caso negativo, ele então avalia que ambos os partidos não oferecem modificações no cenário político econômico e, assim, pode migrar para um outro partido, que ainda não esteve no poder, para que este então promova as mudanças políticas que ele anseia.

No caso da política francesa, isso fica muito claro. Quando Sarkozy encerra seu mandato e busca a reeleição, fracassa, porque o eleitor quer uma mudança na gestão governamental e elege seu partido opositor para ocupar o poder. Entretanto, Hollande vai de mal a pior e frustra o eleitor, que buscava por mudanças, e deixa uma sensação no eleitorado de que as plataformas políticas de ambos não apresentam muitas diferenças. Isso contribui para que o eleitor, dentro de uma racionalidade da decisão de seu voto, considere migrar para um partido que ainda não esteve no poder e que se apresente como capaz de promover as mudanças políticas que ele deseja, e a Frente Nacional se coloca nessa posição.

7. Até onde pode ir a nova FN?

A “nova” Frente Nacional conseguiu obter resultados eleitorais surpreendentes nas eleições locais e no parlamento europeu, mas a pergunta que se busca responder é se, de fato, a Frente Nacional pode vencer as eleições presidenciais de 2017 e, pela primeira vez, chegar ao Eliseu. Para responder a esta pergunta faz-se necessário analisar o cenário político francês, as possibilidades eleitorais e os potenciais adversários e, então, verificar as chances de Marine Le Pen em cada um destes cenários. No lado dos Republicanos, o candidato já está definido, entretanto o Partido Socialista só definirá seu candidato presidencial no mês de janeiro de 2017, após as prévias internas, apesar de Manuel Valls ser o pré-candidato favorito.

Começaremos pela situação, Partido Socialista, atualmente no poder com o presidente François Hollande. É natural que, quando um partido está no poder e existe a possibilidade de reeleição, o atual presidente seja o candidato do partido sem maiores questionamentos. Portanto, Hollande deveria ser o candidato natural do PS, contudo o seu enorme desgaste político não deixa a sua situação tão confortável assim, a ponto de uma eventual candidatura à reeleição enfrentar resistências, inclusive dentro do próprio partido. Não por outra razão, o atual presidente francês, já com a experiência vivida por Sarkozy na última eleição em que era o presidente, tentou a reeleição e perdeu, François Hollande decidiu não concorrer ao pleito, abrindo a candidatura aos membros do partido a serem escolhidos em prévia interna.

Sem Hollande, a opção mais forte que surge é o atual primeiro-ministro Manuel Valls. Durante muito tempo, Valls foi o político mais bem avaliado pela população francesa. Após a posse de Hollande como presidente da República, Valls assumiu o Ministério do Interior (o mesmo ministério ocupado por Sarkozy no governo de Chirac), sendo que, com a queda do então primeiro-ministro Raffarin, Hollande aproveitou o capital político de Valls e o alçou ao posto de primeiro-ministro, função que exerce até hoje e conta com avaliação muito superior à do próprio Hollande. Contudo, nas primárias internas do Partido Socialista, Valls não conseguiu impor a sua candidatura ao ser derrotado por Benoît Hamon, que será o candidato socialista nas próximas eleições, cuja missão é dar continuidade à esquerda em permanecer no poder. Do lado dos Republicanos, o candidato será François Fillon, ex-primeiro-ministro de Sarkozy, a quem derrotou nas prévias internas do partido e obteve a indicação para a candidatura presidencial.

A pesquisa mais recente, realizada pelo instituto IFOP em 6 de dezembro de 2016, apresenta um cenário, em primeiro turno, com François Fillon em primeiro lugar, com 27,5% das intenções de voto, Marine Le Pen em segundo, com 24% e Manuel Valls com 10%, este último, ficando atrás de Emmanuel Macron (13,5%) e Jean-Luc Mélenchon (12,5%). É de se notar o crescimento significativo do capital político da Frente Nacional com Marine Le Pen à frente. Com efeito, nas eleições presidenciais de 2012, Marine já havia obtido a maior votação da história do partido com pouco mais de 17% dos votos; agora, três anos depois, já se projeta uma votação em segundo com cerca de sete pontos percentuais a mais de intenção de votos. Outro ponto a destacar é que independentemente dos candidatos adversários, a votação

de Marine Le Pen, em primeiro turno, permanece em um patamar similar. Isso significa que seu eleitorado é sólido e deve votar na sua candidatura não importando o cenário político-eleitoral que se apresente.

No segundo turno, a situação não é tão confortável assim para a Frente Nacional. Segundo a pesquisa IFOP de dezembro de 2016, Marine Le Pen, no confronto direto em segundo turno, não consegue capitalizar muitos votos de outros eleitorados e termina por ser derrotada em qualquer um dos casos. Quanto a Fillon, este obteria 65% dos votos contra 35% de Marine. Macron (terceiro colocado na pesquisa para o primeiro turno), no eventual confronto a venceria por 62% a 38%, e Valls, em pesquisa realizada em setembro, sairia vitorioso por 61% a 41%. Como as primárias socialistas foram realizadas no último dia 29 de janeiro de 2017, ainda não foram realizadas pesquisas com o nome de Benoît Hamon, mas o panorama geral de força política não deve se alterar.

De todos os cenários e adversários possíveis, não se pode negar que a possibilidade de a Frente Nacional vencer as próximas eleições presidenciais é real. Com um capital político consolidado e com a campanha ainda não iniciada oficialmente, não há como não concluir que a Frente Nacional segue em um movimento político eleitoral de ascensão, contudo ainda insuficiente para vencer uma eleição presidencial; entretanto, se o movimento continuar capitalizando força política, em 2022 pode chegar como favorita ao Eliseu.

Gustavo Granado: Cientista Político. Doutor pelo Instituto de Economia da UFRJ e mestre em Ciência Política/Relações Internacionais pela UFRJ. Autor de *A dimensão econômica da soberania sob a perspectiva de sua dimensão política*. (Ed. Gramma, 2015).